



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE E DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

ISABELLA DE SOUSA

Brasília- DF

2015

ISABELLA DE SOUSA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE E DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^aSônia Marise Salles Carvalho.

Brasília- DF

2015

Trabalho final de curso de autoria de Isabella de Sousa, intitulado “*A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE E DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL*”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em **02/12/2015** à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professor Dr^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues- Examinadora
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Dr^o. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha - Examinador
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Dedico aos meus pais que me deram as condições necessárias para chegar até aqui, sem a força e incentivo deles talvez eu não teriatamanha motivação. E aos meus avós que são a base de tudo, e maior riqueza que tenho hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que está acima de tudo e de todos, o qual me fortaleceu durante toda a jornada.

À professora Dra. Teresa Cristina Ciqueira Serqueira, que inicialmente acompanhou este trabalho, mas que por motivos de saúde teve que se ausentar. Todo o seu carinho, afeto e atenção me tornaram ainda mais determinante.

À professora Dr. Sônia Marise Salles de Carvalho, a qual aceitou dá continuidade a orientação deste trabalho, uma pessoa humana e solidária.

A todos os meu familiares que torcem pelo meu sucesso, e professores que passaram pela minha trajetória educacional.

Além dos meus amigos que depositaram confiança na minha capacidade, e ao meu namorado que está comigo em todos os momentos da minha vida.

“Não se pode falar em educação sem amor.” Paulo Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
PARTE I- MEMORIAL EDUCATIVO	10
MEMORIAL EDUCATIVO	11
PARTE II- MONOGRAFIA.....	16
CAPÍTULO I- REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE E O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	17
1.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação e Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Infantil	17
1.2 Afetividade	19
1.3. A Criança na Atividade do Brincar	26
CAPÍTULO 2 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	31
2.1 Metodologia da Pesquisa	32
2.2 Caracterização e Contexto da Escola Observada.....	33
2.3 Sujeitos da Pesquisa.....	33
CAPÍTULO 3-RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	47
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	48
REFERÊNCIAS.....	49

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho trata-se de um tema bastante discutido por diversos pesquisadores da área da educação e psicologia. A importância da afetividade e do brincar na Educação Infantil favorece o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança.

Entre as discussões a cerca do tema, o objetivo geral deste trabalho é refletir a respeito da importância que essa afetividade têm para a criança e como este sujeito vivencia a atividade do brincar. Através das relações estabelecidas com o meio, incluindo os professores. Além de entender de que maneira ela influencia no desenvolvimento da criança dentro da Educação Infantil.

Os objetivos específicos são: observar relação de professor-criança e criança-criança; entender de que forma essa afetividade aparece e se torna importante para a criança, e analisar como o brincar desenvolve situações de faz-de-conta que desencadeiam processos de criação imaginária na criança.

Percebe-se que a socialização, emoção e aprendizagem se dá em diferentes contextos em que a criança possa estar inserida. Essa relação com o meio nos leva a repensar a respeito de outros assuntos que envolvem a vida escolar das crianças na Educação Infantil, como a importância que a família tem mediante ao papel da escola e vida da criança.

Torna-se relevante repensar a respeito do papel do professor na missão de não somente educar ou transmitir conteúdos e saberes, mas transmitir os valores, e afeto a este ser em desenvolvimento.

A justificativa pelo tema, se deu ao contato com crianças de dois anos de idade em um estágio não obrigatório, onde pôde ser percebido a importância e influência que a afetividade têm sobre a criança. No que diz respeito não só ao aprendizado, mas ao acolhimento, adaptação e entrada dessas crianças desta faixa etária, que está tendo um primeiro contato com o meio escolar.

Assim, o presente trabalho divide-se em três partes, sendo na primeira parte apresentada o memória educativo onde apresento toda a minha trajetória educacional até chegar aqui.

Na segunda parte, se encontra a monografia que subdivide-se em três capítulos, o primeiro apresentando a importância da afetividade na vida da criança, o segundo a criança na atividade do brincar, o terceiro apresenta o marco legal da Educação Infantil nesses aspectos.

Na terceira parte apresenta-se as perspectivas profissionais, destacando as pretensões futuras na área de pedagogia.

PARTE I
MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL EDUCATIVO

A minha vida se inicia no dia 16 de março de 1992, no Hospital Regional de Taguatinga. Não sendo filha única, um ano depois, nasce outro irmão, o Marco Aurélio. Este que possui uma característica bastante semelhante a minha, que é a persistência de correr atrás dos seus objetivos, principalmente ao lado dos nossos pais que sempre nos apoiaram. Fui uma filha bastante planejada, pois na época minha mãe tinha dificuldades para engravidar e teve a necessidade de fazer um tratamento. Apesar de ter tido complicações ao nascer, tudo deu certo.

A minha vida escolar começou aos 2 anos de idade. Até hoje escuto minha mãe falar que eu era um bebê que ainda usava fraldas e chorava bastante ao chegar no portão da escola. Morávamos na cidade de Ocidental, fase esta que pouco me recordo. Algumas recordações são obtidas por relatos de meus pais. Estes que todos os dias me deixavam e buscavam na escola, pois por ser a primeira filha, a preocupação era tamanha. Pouco me recordo das minhas professoras, apenas uma se destacou ainda sim por causa do álbum de fotos que não me canso de olhar. Nunca saiu da cabeça aquela beca verde de formatura do infantil para o ensino fundamental.

Permaneci na cidade Ocidental até o final do pré-escolar, e em seguida fui morar no Recanto das Emas. Meus pais haviam comprado um lote lá, onde nossa casa foi sendo construída aos poucos até mudarmos. Estudei em uma escola pequena perto de casa onde tive grandes dificuldades de socialização. Meu irmão ia sempre todos os dias comigo. Fiz o primeiro ano do Ensino Fundamental todo lá. No próximo ano, meus pais decidiram me colocar em escola pública, devido as condições sociais. Como nas escolas mais próximas não tinham vagas, fui passar uma temporada com a minha madrinha na Ceilândia, onde ela havia conseguido uma vaga junto com a minha prima, filha dela, a Danielle, fomos criadas juntas.

Lá estudei o segundo ano do Ensino Fundamental I. Aos finais de semana ia visitar meus pais. Mesmo sendo minha madrinha e tendo forte ligação e afinidade com ela, era uma dor tremenda ter que sair da minha casa,

e era um choro aos domingos na volta para a rotina. Foi uma fase bastante difícil pois a maior parte do dia eu não estava com eles. Lembro que contava os dias para o ano acabar e voltar para os meus pais. Fiquei nessa escola por dois anos.

Logo depois, fui pega com a notícia de que uma tia havia conseguido uma vaga no SESI de Ceilândia, que por sinal na época era bastante difícil conseguir. Voltei a morar com meus pais, e fui estudar lá. No início meus pais iam e vinham de ônibus me deixar e buscar na escola, pois na época eles não tinham carro e como morávamos no Recanto, se sentiam bastante inseguros em me deixar ir sozinha. Continuei indo com meu irmão, que também havia conseguido a vaga. Era uma escola bem diferente das que eu já tinha passado. Mais ampla, com piscina e área de lazer, e lá fiquei até o final do ensino fundamental. Era uma escola bem estruturada e com ensino diferenciado. Lá pude fazer amizades que eu tenho contato até hoje e foi um marco na minha trajetória escolar.

Depois de um tempo, meus pais optaram por arriscar me deixar ir sozinha de ônibus todos os dias. Lembro vagamente de alguns professores. Me recordo que havia um professor de matemática bastante grosso, e os alunos um dia resolveram fazer uma brincadeira de mal gosto, colocando chiclete em sua cadeira. Eu e minhas amigas sempre gostávamos de sentar na frente e neste dia nos sentimos incomodadas com a situação pois acompanhamos tudo e se falávamos para o professor, íamos ser desprezadas por toda a turma. Sempre estive em turmas agitadas mas sempre em grupinhos das “cdfs”, como nomeavam as inteligentes e esforçadas da turma. Sempre fazíamos os melhores trabalhos e tirávamos as melhores notas. As vezes me sentia mal pois via todos bagunçando e brincando e eu só ficada no estudo.

Foi quando acabei o Ensino Fundamental e tive que mudar de escola pois o SESI não oferecia ensino médio na época. Fui para uma escola pública em Taguatinga, o Centro de Ensino Médio EIT. Lá percebi que era outro mundo. É importante considerar a idade e fase a qual eu estaria entrando e tudo se modificou. Novas descobertas, novas amizades e novas influências foram surgindo. Alguns colegas do Sesi tinham ido para essa escola e pude reencontrá-los. Eram professores divertidos que falavam a linguagem dos

adolescentes. Entravam nas brincadeiras e ensinavam de forma divertida. Logo no primeiro bimestre deste primeiro ano do ensino médio, descobrir uma forte dificuldade na disciplina de química. Foi quando comecei a tirar minhas primeiras notas baixas e acabei ficando para recuperação. Foi quando sentir de perto a decepção do meu pai em ver minha primeira nota vermelha. As outras notas passaram a ser medianas e a minha socialização com as pessoas mudou radicalmente, pois antes eu era mais tímida. Comecei a perceber as disciplinas que mas tinha dificuldades e me sentia mal por ter notas ruins pela primeira vez.

Finalizei minha etapa do ensino médio e fui matriculada no cursinho preparatório ALUB, pelos meus pais. Com o intuito de passar na Universidade de Brasília, eles me deixaram lá por um ano inteiro. Conheci pessoas incríveis com as quais tenho contato até hoje. Entre elas “as Jéssicas” da minha vida a qual tenho total admiração. Nunca tive o objetivo de passar na UnB, pois sai do ensino médio sem pensar em um curso superior a qual me identificasse. Sempre quis conseguir bolsa na Católica ou em uma instituição privada bem conceituada. Foi quando tentei vários processos seletivos do ENEM, e nunca era aprovada na bolsa de 100%. Foi quando olhei um panfleto distribuído pelo cursinho com as notas de corte dos cursos que a Universidade de Brasília possuía. Como via meus amigos serem aprovados, resolvi arriscar no curso de Ciências Naturais no campus de Planaltina, pois a nota de corte era bastante baixa e meu tempo de matrícula no cursinho estava prestes a acabar.

Eu e minha amiga Jéssica, fomos aprovadas e passamos a pegar quatro ônibus por dia para chegar até lá. Todos os dias marcávamos de nos encontrar na rodoviária do Plano Piloto, pois nunca queríamos ir sozinhas até a Universidade. Descobrimos outro mundo de pessoas incríveis e intelectuais. Estávamos no mundo acadêmico, totalmente diferente do que estávamos acostumadas. Começamos a pegar disciplinas bastante difíceis, como cálculo, química inorgânica. Foi quando descobrir que as minhas maiores dificuldades do Ensino Médio se encontravam naquele curso. Sugeri a minha amiga que fizéssemos pedagogia. Teve um semestre que erramos a turma da matrícula e acabamos pegando matéria a noite sem ter conhecimento. Todos os dias tínhamos que ligar para nossas mães para buscar na parada. Percebemos as

dificuldades do curso e através de algumas disciplinas nos identificamos com o curso de pedagogia. A Jéssica passou na metade do ano no vestibular e eu fiquei sozinha indo a Planaltina. Chegava em casa todos os dias com aquela tristeza estampada no rosto, e resolvi voltar a fazer o ENEM novamente. Na época abriram as vagas remanescentes e fui aprovada no primeiro vestibular do ano de 2010 para o curso de pedagogia na Universidade de Brasília. Desde pequena brincava de professora, lembro que eu tinha até um quadro com giz de todas as cores. Mas nunca imaginei que fosse realmente cursar este curso.

Dentro do curso de graduação conheci disciplinas que me levaram a realização deste trabalho com o respectivo tema. Começou então a dá inicio aos projetos dentro da Universidade de Brasília, componente curricular obrigatório do curso de pedagogia. Consegui uma escola bastante pequena que trabalhava com alunos com necessidades educacionais especiais. Foi o primeiro estágio realizado. A princípio fiquei para observar e auxiliar alunos com dificuldades em série de 7º ano. Logo abriu uma vaga para auxiliar duas crianças específicas com deficiência intelectual do 8º ano. Pedi para a coordenadora que me trocasse de turma, pois queria muito vivenciar aquela experiência, e ela me concedeu o desafio. Eu costumo falar até hoje que foi uma fase da minha vida que comecei a adquirir maturidade da vida. E perceber o quanto a afetividade se torna parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Pois a cada dia aprendia com aquelas crianças. Vi que o diálogo e as interações eram desenvolvidas com o tempo e cada vez mais favorável ao avanço daquelas meninas. Devido a deficiência intelectual de ambas, seus comportamentos e atitudes eram estranhos aos outros colegas da mesma classe. As duas tomavam remédios controlados, e sentavam-se sempre nas carteiras da frente. Uma era mas meiga, a outra mais agressiva. Uma gostava de falar mais que a outra que tinha maior resistência comigo. Lembro que eu tinha muito medo dela me agredir, mas isso nunca aconteceu. Essa última tinha histórico de fortes agressões com outras auxiliares que passaram por lá. Mas fui percebendo que quanto mais carinho e amor eu dava a elas mas fortaleciam os laços de amizade. Fui ganhando a confiança da duas aos poucos. Na metade de ano, ela foi retirada da escola e passei a ficar somente com uma delas. Ela costumava repetir muito as coisas e adorava

contar sobre suas atividades de lazer. Permaneci seis meses nesta escola e fui fazer um processo seletivo para auxiliar na educação infantil no Marista. Em contrapartida, outra escola me chamou na mesma semana para ser auxiliar de coordenação.

Lá vivenciei dois anos de puro amor. Pude sentir diretamente o amor dos pais e dos alunos. Incomodava-me bastante trabalhar diretamente com coordenação, mas aprendi muito com todas as pessoas. Aprendi a lidar com a diversidade de pessoas, cada uma com suas peculiaridades. Passei a observar crianças no momento do intervalo e pude acompanhar de perto situações imaginárias que as crianças vivenciavam. Passei a achar muito interessante as crianças falando sozinhas na hora de brincar e como a afetividade estava presente na relação umas com as outras.

Com as mudanças de coordenação e segmentos do fim do ano passado, fui para outra escola privada de caráter católico da mesma rede de ensino. Lá pude vivenciar a educação infantil mais intensamente. E vejo que as crianças acabam agindo da mesma forma na hora de brincar. Isso me inquietou a fim de compreender e estudar mais a respeito do brincar da criança. Lá estou vendo que além desse brincar, essa afetividade também é importante para a criança. Afinal, se trata de crianças que estão tendo um primeiro contato com a escola e precisam de atenção e afeto.

E agora estou aqui, encerrando uma etapa da minha vida que irá dá inicio a outra, pois a trajetória educacional continua e a área de educação sempre fazendo parte.

PARTE II- MONOGRAFIA

CAPÍTULO I – REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE E O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Neste Capítulo, serão abordados alguns referenciais a respeito da influência que a afetividade tem sobre a criança, e suas relações com o meio. Além da importância de ter um momento do brincar na Educação Infantil. A fim de perceber que esses dois fatores fazem parte da vida da criança.

1.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) da Educação Infantil

Por se tratar da Educação Infantil, torna-se necessário compreender como este segmento está inserido em seu marco legal.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (1996):

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Art 29º)

Entende-se assim, que o desenvolvimento da criança se torna essencial para uma educação a base dos valores sociais que começam na Educação Infantil e deve ser complementado com a família nas etapas de educação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) visa o desenvolvimento integral da criança:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores; III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; IV - direito de organização e participação em entidades estudantis; V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência. Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis

ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

Assim, este lei abrange aspectos da educação que deve fazer parte da vida da criança até quando adulto, buscando uma preocupação com o sujeito em sua integridade social.

Os Parâmetros Nacionais de Melhoria de Qualidade para Educação infantil é um documento que apóia a criança em sua educação, e deve ser levada e repensada ao professor desta área. Para que seja ministrada de forma qualitativa. Acerca desta interação esses Parâmetros (2006, p.14) diz:

Embora dependente do adulto para sobreviver, a criança é um ser capaz de interagir num meio natural, social e cultural desde bebê. A partir de seu nascimento, o bebê reage ao entorno, ao mesmo tempo em que provoca reações naqueles que se encontram por perto, marcando a história daquela família. Os elementos de seu entorno que compõem o meio natural (o clima, por exemplo), social (os pais, por exemplo) e cultural (os valores, por exemplo) irão configurar formas de conduta e modificações recíprocas dos envolvidos. No que diz respeito às interações sociais, ressalta-se que a diversidade de parceiros e experiências potencializa o desenvolvimento infantil.

Isso enfatiza bem a importância da interação social para a criança. A partir de uma convivência com o outro, possibilita um desenvolvimento capaz de gerar afetividade. Para uma perspectiva de qualidade e melhoria, esses mesmo Parâmetros sugerem:

Apoiar a organização em pequenos grupos, estimulando as trocas entre os parceiros; incentivar a brincadeira; dar-lhes tempo para desenvolver temas de trabalho a partir de propostas prévias; oferecer diferentes tipos de materiais em função dos objetivos que se tem em mente; organizar o tempo e o espaço de modo flexível são algumas formas de intervenção que contribuem para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. (Parâmetros Nacionais de Melhoria de Qualidade para Educação, 2006, p.16)

Os Parâmetros de qualidades partem da perspectiva de colocar a criança no centro da aprendizagem e fornecem ao professor subsídios essenciais da vida infantil. Assim, fazendo relação com o referencial já

discutido neste trabalho e o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais(2006), a criança deve se apropriar do brincar; do movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre; expressar sentimentos e pensamentos; desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão diversificar atividades, escolhasse companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil.

Percebe-se que a afetividade e o brincar têm fundamental importância na vida da criança, estes que potencializam o desenvolvimento delas. A integridade da criança, tem um amparo e deve ser repensada na práticas pedagógicas da Educação Infantil. O movimento, articulação, e os sentimentos junto com a atividade do brincar deve ser priorizado para que essa construção de infância seja sempre vista como favorável a criança.

Todas essas leis partem de um ponto inicial para a compreensão da importância do sujeito da pesquisa. São leis que protegem as crianças e visam uma melhor educação a elas. Para então compreender a importância da afetividade e do brincar na Educação Infantil, envolvendo professores, crianças e família. Com isso, deve levar em consideração este marco legal para compreender este tema e a relevância deste trabalho.

1.2 Afetividade

Desde a barriga da mãe, o feto possui forte ligação com ela. Ali, já começam as primeiras sensações que são vivenciadas por ambos. É uma primeira relação já começa a ser estabelecida. Após o nascimento, outras interações passam a existir a descoberta do mundo passa a surgir.

Henri Wallon, traz muitas contribuições acerca do desenvolvimento por meio da interação, onde o sujeito passa por alguns estágios. Assim, o meio tem forte influência que vai caracterizar cada estágio ao longo da vida. Não sendo algo pré-estabelecido e determinado pela idade propriamente dita.

Com isso, os estágios não se iniciam após o nascimento, mas antes mesmo dele, desde a vida intra-uterina, pela relação mãe-bebê.

Mahoney e Almeida (2005),descrevem os estágios de desenvolvimento apresentados por Wallon, onde o primeiro seria o impulsivo emocional (0 a 1 ano), *impulsivo-emocional* (0 a 1 ano) — a criança expressa sua afetividade através de movimentos descoordenados, respondendo a sensibilidades corporais: proprioceptiva (sensibilidade dos músculos) e interoceptivas (sensibilidade das vísceras. O segundo estágio seria o *sensório-motor e projetivo* (1 a 3 anos) , quando já dispõe da fala e da marcha, a criança se volta para o mundo externo (sensibilidade exteroceptiva) para um intenso contacto com os objetos e a indagação insistente do que são, como se chamam, como funcionam. No 3º estágio se chama de *personalismo* (3 a 6 anos) e existe outro tipo de diferenciaçãoentre a criança e o outro. É a fase de se descobrir diferente das outras crianças e do adulto. No 4º estágio o *categorial* (6 a 11 anos), e o 5º estágio que seria a *puberdade e adolescência* (11 anos em diante).

O desenvolvimento assim, não é estático e linear e nem determinado cronologicamente, pelas idades. É um processo de ganhos e perdas com saltos qualitativos.

Entende-se que cada criança se desenvolve no seu tempo, e o meio em que ele está inserido vai determinando alguns fatores fundamentais para que esse desenvolvimento ocorra.

Isso quer dizer, que desde pequeno, estamos em volta de pessoas e de um determinado ambiente. As experiências vão surgindo, mesmo quando ainda bebês. Elas vão se modificando ao longo do tempo, de acordo com o meio em que estamos inseridos. E somos condicionados a expressar diferentes emoções, sentimentos e paixões a partir das situações que se vive no dia-a-dia.

Segundo o dicionário online Ferreira (1984), o conceito de Afetividade seria:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Partindo do pressuposto de que a afetividade vem a surgir a partir da interação com o outro, uma relação com alguém, talvez esses fenômenos seriam as expressões que caracterizam um determinado tipo de afeto.

Diversos sentimentos positivos ou negativos estão associados, como o de simpatia, entusiasmo, raiva ou frustração, que variam de acordo com as relações humanas. E são essas relações que influenciam no desenvolvimento desde criança.

Wallon (1968), fala do movimento que a criança faz para expressar essas emoções, que podem ser demonstradas de diferentes formas para o outro. Assim, o corpo faz expressão daquilo que está sentindo. Seria um instrumental ação da criança sobre o mundo. Ele fala que a partir dessa interação, as emoções se manifestam de forma afetiva mediante a comunicação com o outro.

Quando chegamos a escola, o afeto pode surgir de diferentes formas, com o contato com o colega, ou com o professor. Inicia aí, as primeiras experiências com o mundo externo.

É a partir daí que se discute a relação professor-aluno que se estabelece dentro das escolas. Wallon, fala do acolhimento:

Importante em qualquer idade: acolhimento da criança e do jovem pelo grupo familiar, grupo de amigos, grupo de colegas, professores; acolhimento do professor pela direção, pelos seus pares, pelo seu entorno, pelos seus alunos. A sala de aula — uma oficina de relações — é/não é um espaço de acolhimento. (apud Mahoney e Almeida, 2005)

Se tratando do contexto escolar, o papel do professor nas relações com as crianças devem dá sentido a elas, pois são seres em formação a qual recebem os ensinamentos.

E a afetividade quando estabelecida pelo educador torna o processo mais leve, de forma que o mesmo leva em consideração as peculiaridades da criança, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo. É onde essa relação com o professor possui forte influência nas outras relações.

Esse vínculo com a criança possibilita que ela desenvolva suas capacidades cognitivas, físicas, sociais e até emocionais, pois passam grande parte do tempo juntos com os colegas e professores.

Áries (1981, p. 18), diz sobre a escola: “exigindo uma melhor adaptação da criança a escola, uma melhor apropriação da escola a criança.” Essa fala descreve bem o papel da escola na construção do conhecimento e desenvolvimento. Pois a criança deve se sentir inserido em seu ambiente escolar, levando em consideração sempre o seu contexto social.

E os pares estabelecidos pelas relações sociais são unificados, ou seja, não é algo isolado e separado, um contribuindo para a formação do outro.

A escola , deve apresentar diferentes formas de aprendizagem mesmo sem alto custo financeiro, para que a personalidade, criatividade da criança seja desenvolvida, e outros aspectos são associados, como a solidariedade e autonomia.

Almeida(2008, p.1), discute a respeito do fator orgânico e afetividade: “Wallon defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão sedistanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social.” Assim as emoções não são apenas fisiológicas, mas também social.

As interações desenvolvem um contágio emocional onde se transmite ao outro o que o sujeito está sentindo.É uma maneira que surge de sentir junto com o outro, conforme as experiências vivenciadas no cotidiano.

Para Wallon (apud LEITE 2012):

A emoção é o primeiro e mais forte vínculo que se estabelece entre o sujeito e as pessoas do ambiente, constituindo as manifestações iniciais de estados subjetivos, com componentes orgânicos.

Muitas vezes, as crianças levam para casa algumas atitudes que não correspondem a sua personalidade, causando estranheza nos pais e familiares. Isso porque, muitas vezes determinada convivência social, têm influência sobre seu comportamento e relacionamento.

Almeida (2008, p.6), afirma:

A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento; são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

Outra relação existe de forma dialética, a inteligência e afetividade, de forma que são desenvolvidas a longo do tempo. Não dissociadas uma da outra. Wallon (1968), discute sobre o conceito de inteligência discursiva, onde ela se apropria da fala para representação, diante de um discurso.

Na realidade, nunca pude dissociar o biológico do social, não porque os julgue redutíveis um ao outro, mas porque eles me parecem no homem tão estreitamente complementares desde o seu nascimento, que é impossível encarar a vida psíquica sem ser sob a forma das suas relações recíprocas, (apud ÁRIES 1981, p.14)

Todo ser humano, seja ele criança ou não, necessita de contato afetivo com alguém. A fase infantil principalmente, precisa de atenção, amor e sensibilidade por parte daquele que media as situações com estes sujeitos. A criança consegue absorver todos os sentimentos transmitidos pelo outro, sendo expressado de alguma forma através de um determinado tipo de comportamento e atitudes.

Wallon (1981, apud ÁRIES, p.17), discute a respeito dessas relações, afirmando: “Sua própria sobrevivência seria impossível sem os cuidados constantes daqueles que o rodeiam, e isso durante muitos anos.”

Por isso, já seria algo próprio das necessidades do ser humano um contato com o próximo, onde adquire os valores essenciais para a sua formação.

Wallon (1968), fala que esses aspectos de inteligência, movimento e emoção se integram em si em torno da pessoa, a partir de uma consciência de si, que é diferente do outro.

Essa mistura de sentimentos desencadeiam diferentes ações no sujeito. Depois das emoções, ao conhecer o mundo, a criança desenvolve sua personalidade que posteriormente poderá entrar em conflito com o outro.

Para entender o afeto como parte do desenvolvimento da criança e a importância do brincar na vida delas, é preciso discutir sobre a infância.

Aries (1981, p.10), percebe-se que este conceito foi se modificando ao longo dos tempos. De acordo com o contexto histórico, essa infância foi ganhando novos significados.

De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.

Assim, as crianças eram submetidas a convivência com os adultos, se misturando com eles, e eram o que chamavam de “adultos em miniaturas”, o que nos faz pensar nesse conceito de infância que de acordo com este período e sociedade.

“Ela não tinha função afetiva, isso não quer dizer que o amor estivesse sempre ausente, ao contrário, ele é muitas vezes reconhecível em casos de noivado, mas geralmente depois do casamento.” (ÁRIES 1981, p.10)

A afetividade nesse momento, não se dava dentro das famílias, mas sim fora delas, no convívio com outras pessoas. Com o passar do tempo, é que as famílias passaram a se preocupar mais, e o afeto começa a tomar formas.

“A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão de bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas. O cuidado dispensado as crianças passou a inspirar sentimentos novos, uma afetividade nova.” (ARIES 1981, p.277)

Percebe-se que este conceito de infância é construído de acordo com o tempo histórico de cada sociedade. Assim como antes, hoje ainda é possível encontrar crianças que necessitam trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias. Com isso, é necessário levar em consideração os diferentes contextos em que a criança está inserida para então se pensar sobre a infância

Se tratando de outros aspectos no que se refere a vida escolar da criança, principalmente na Educação Infantil, muito se fala da participação da família no processo ensino-aprendizagem. Quando se têm essa participação, a criança se sente “importante”, sujeito capaz de desenvolver suas habilidades, sujeito ativo no processo.

Essa afetividade é importante na Educação Infantil, de ambos os lados, família e escola. Pois se trata de sujeito em desenvolvimento capaz de absorver todas as emoções a sua volta. Essa afetividade se encontra presente principalmente no momento do brincar, onde observa-se a interação criança-criança, onde um sempre cuida do outro.

Mahoney e Almeida, em 2005, afirmam:

O processo ensino-aprendizagem precisa oferecer atividades diferentes e a possibilidade de escolha pela criança das atividades que mais a atraiam. O adulto será o recipiente de muitas respostas: *não; não quero; não gosto; não vou; é meu*. O importante do ponto de vista afetivo é reconhecer e respeitar as diferenças que despontam. Chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, que ela tem visibilidade no grupo pelas suas diferenças, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que a criança as expresse.

Assim, durante esses diferentes momentos dentro da Educação Infantil, as diferenças de personalidades começam a surgir vão sendo percebidas umas pelas outras, onde vão se confrontando umas com as outras.

Segundo Wallon:

“Como a emoção é contagiosa, o comportamento do aluno interfere na dinâmica da classe e no professor. O professor, como adulto mais experiente, centrado em si e no outro, de forma equilibrada, com maiores recursos para controle das emoções e sentimentos, pode colaborar para a resolução dos conflitos, não esquecendo que o conflito faz parte do processo ensino-aprendizagem, pois é constitutivo das relações. A qualidade da relação é revelada pela forma como os conflitos são resolvidos. (apud Mahoney Almeida, 2005)

Os gestos, a fala e a linguagem, são aspectos que as crianças se apropriam para expressar suas emoções e sentimentos. Os conflitos existentes devem ser mediados pelo professor, e farão parte do convívio escolar.

Um adulto se torna uma figura de total importância para as crianças. É importante ressaltar que esses conflitos surgem para uma integração entre os sujeitos, e não vem como separador de relações.

Segundo Leite (2012) a partir de uma abordagem histórico-cultural:

O desenvolvimento humano pode ser entendido como um processo de apropriação dos elementos e processos culturais, ocorrendo no sentido do externo (relações interpessoais) para o interno (relações intrapessoais), mediado pela ação do outro (pessoas físicas ou agentes culturais). A aprendizagem desempenha, portanto, um papel crucial na medida em que possibilita o processo de desenvolvimento.

A troca dessa afetividade, que muitas vezes se dá pelas interações externas se tornam assim algo internalizado onde se formam os valores.

Na segunda parte deste capítulo será apresentado a criança em sua atividade do brincar, a fim de compreender as ações que este sujeito executa para atribuir aspectos de sua própria realidade. Lembrando sempre que a afetividade se encontra presente nesses momentos.

1.3 A criança na atividade do brincar

A criança em seu desenvolvimento ainda se encontra em processo de construção e aquisição de saberes. Ela deve se sentir inserida em seu contexto social e cultural. O brincar se torna parte da vida dela, e a Educação Infantil se torna uma parte do segmento da educação que deve dar importância a essa atividade.

O momento do brincar propicia trocas de experiências aos indivíduos onde eles ensinam e aprendem.

Essa atividade abre portas para a criatividade das crianças, que é desenvolvida e explorada por todos os envolvidos.

A criança em movimento livre, muitas vezes, incorporam alguns personagens ou pessoas adultas, e a linguagem é fortemente marcada nesses momentos.

Luckesi (2005, p. 2), afirma:

O brincar é esse agir criativo no espaço potencial de todas as possibilidades, que são infinitas, e a sua conseqüente expressão objetiva, que traz ao cotidiano criativamente uma dessas possibilidades.

A capacidade das crianças em criar e recriar vão se modificando e a maturação sendo cada vez mais adquirida até chegar a vida adulta. Sendo assim, as formas de brincar vão sendo substituídas por outras.

Se tratando da Educação Infantil, as crianças estão o tempo todo se apropriando de situações que são da faixa etária delas. O professor deve proporcionar as crianças situações em que elas se sintam livres para suas escolhas na hora do brincar.

Devem possibilitar formas de integração entre as crianças e até mesmo o professor nesse mundo imaginário, do faz de conta, pois afinal é algo que faz parte do universo infantil.

É importante ressaltar que intenção não é desprezar os conteúdos escolares, mas sim levar até as crianças momentos prazerosos que também podem ser atribuídos aprendizados.

As falas são utilizadas de forma exploratória e objetiva. Chegam a imitar personagens fictícios da televisão, os pais, professores e algumas figuras as quais são importantes para eles.

Steinle (2013, p.114), afirma:

A fim de que a imaginação seja desenvolvida, não basta reconhecer que ela é uma função psíquica pertencente a todos os indivíduos, é necessário que a criança seja estimulada a participar de diferentes interações sociais e culturais, pois essa é uma condição ímpar para que ocorra o processo combinatório entre fantasia e realidade, consolidando-se, assim, a imaginação por meio da criação e construída nas relações sociais.

Portanto, essa imaginação infantil, não é apenas uma questão psíquica, mas se desenvolve através da relação social, em seu meio cultural. A partir

dessas interações seja com a família ou com os colegas da escola, o ambiente se torna fator determinante para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança.

Vygotsky (1998, p.202):

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais.

Essa situação imaginária, pode ser exemplificada como a criança que interpreta sua mãe, ali as ações vão nortear algum tipo de regra de comportamento que, socialmente, determinam esse papel. Ou seja, as regras da própria sociedade podem estar implicitamente ou explicitamente presentes.

As regras muitas vezes criadas por eles mesmos durante a atividade do brincar, se remetem as que elas mesmo vivenciam no seu meio social, seu cotidiano e experiências trocadas.

O brinquedo é um signo bastante utilizado pelas crianças, e muitas vezes é trocado por outros objetos que podem representar algo que desejam vivenciar. Muitas crianças chegam a se entreter com alguns objetos que para eles naquele momento podem ter algum significado.

Vygotsky (1998), ainda diz da capacidade da criança de realizar a separação entre significados e objetos. Ele cita o exemplo do cabo de vassoura que passa a ser utilizado como cavalo, naquele momento o significado de cavalo não está mais atrelado ao animal real; no entanto, para deslocar esse significado, a criança ainda depende de um objeto que mantenha alguma relação de semelhança com o objeto real, não sendo capaz de realizá-lo de forma unicamente simbólica.

Não se pode falar no brincar, sem explorar o entendimento do conflito. Wallon (1968), fala que esse conflito é necessário para uma integração entre os sujeitos, e não para uma distanciar as relações. Essas situações conflituosas promove o desenvolvimento infantil. Seja através da diversidade de opiniões, ou mesmos gostos pessoais conforme as relações.

Vygotsky (1998), fala sobre a ZDP, (Zona de Desenvolvimento Proximal), que durante o brincar a criança dá um salto em seu desenvolvimento a partir de níveis. Há um nível atual ou real de desenvolvimento, ou seja, aquilo que a criança pode fazer sozinho, sem a mediação do outro. E por meio de um processo ela pode atingir uma distância a uma outra área potencial de desenvolvimento cognitivo. Esta zona seria portanto, a capacidade da criança em realizar sozinho determinadas atividades que antes ela só conseguia fazer com a ajuda de um adulto.

Este conceito se encontra presente na atividade do brincar diante do desenvolvimento infantil. A criança pode conseguir manipular alguns signos com ou sem a ajuda de um mediador, isso devido as interações sociais.

A criança na atividade do brincar também apresenta imitação. As crianças se tornam capazes de realizar uma série de ações que podem exceder os limites de sua capacidade atual.

E de acordo com Vygotsky (1998), a pessoa só imita aquilo que está ao alcance de seu desenvolvimento. Por isso é comum ver na Educação Infantil, a reprodução das falas da professora na criança.

A criança apresenta aspectos que ela ainda não pode vivenciar, aquilo que se encontra distante de sua realização. Segundo Vygotsky (1998), seria uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis. Ou seja:

Se as necessidades não realizáveis imediatamente, não se desenvolvessem durante os anos escolares, não existiriam os brinquedos, uma vez que eles parecem ser inventados justamente quando as crianças começam experimentar tendências irrealizáveis. (Vygotsky 1998, p.106)

O faz de conta é algo próprio da criatividade da criança, e se torna um momento único, que é só dela. Ali ela quer viver algo que talvez esteja longe de sua possibilidade e é um momento que se sentem livres para se expressarem.

É onde surge uma mudança das falas sociais para a egocêntrica. Momento em que muitas vezes, um adulto pega a criança falando com si mesma. É muito comum pegar uma criança falando sozinha, pois é algo que faz parte do seu brincar.

O professor deve levar em consideração aspectos da infância e realidade a qual a criança está inserida. Fazendo mediações que podem ser necessárias para a formação dos valores sociais.

Steinle (2013, p.115) diz:

Não se pode deixar de salientar a importância do papel do professor da Educação Infantil, como mediador das múltiplas interações da criança na escola e como promotor de ricas e significativas experiências e apropriações culturais. Assim, quanto mais a criança for colocada em situações que a levem a explorar objetos por meio da manipulação, da compreensão de sua função e utilidade social, assim como na apropriação da literatura nos momentos de contação de histórias, ou ainda em brincadeiras de jogos de papéis sociais, jogos de dramatização, entre outros, tanto maior será o seu processo de apropriação e objetivação cultural e, por conseguinte, tanto mais qualitativa será a sua atividade imaginativa e criativa.

O momento que o professor deixa a criança livre para brincar, proporciona maior liberdade de expressão e a coloca como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Pois ela aprende não só com o professor, mas com todos a sua volta.

Essa atividade socialmente construída por meio das interações crianças-crianças, ou criança-adulto nos diz: “O desenvolvimento das ações com os objetos é o processo de sua aprendizagem sob a direção imediata dos adultos.” (ELKONIN, 1998, p.216).

O professor de Educação Infantil pode brincar com a criança, estabelecendo relações de afeto. E envolvendo todos a sua volta em um momento de faz-de-conta por exemplo.

Segundo Wajskop (1995, p. 65):

O brincar, numa perspectiva sociocultural, define-se por uma maneira que as crianças têm para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas. Por causa disso, transformou-se no espaço característico da infância para experimentar o mundo do adulto, sem adentrá-lo como partícipe responsável.

É por isso que as crianças muitas vezes imitam o adulto, pois mesmo ainda sendo criança encontram possibilidades de experimentar aspectos de uma vida adulta, a partir da convivência com os mesmos.

Wajskop (1995, p. 67):

As regras ditas anteriormente, assumem diferentes papéis sociais que correspondem de alguma forma com o que a criança vive em casa, na escola ou qualquer ambiente social, onde existe uma figura maior a qual ela se espelha.

Com isso, percebe-se que as ações que a criança faz para brincar envolvem regras que são estabelecidas por elas mesmos, pois provavelmente em casa ou na escola ela também vivencia algumas regras.

É comum ao brincar, a criança querer cuidar do colega, ou da professora, pois a afetividade sempre está presente. E é dessa forma que as situações imaginárias vão sendo criadas e influenciando no desenvolvimento infantil.

A seguir, apresenta-se as diretrizes que a Educação apresenta para a Educação Infantil quanto ao brincar e afetividade.

CAPÍTULO 2- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste Capítulo, serão apresentados relatos de experiências vivenciadas na Educação Infantil, no espaço curricular do curso de Pedagogia denominado Projeto 3 e 4. As experiências nesse espaço curricular, a partir da observação ativa no momento do brincar das crianças e percebendo como a afetividade se encontra presente nesses momentos. A relação desta prática com os estudos teóricos realizados nos proporcionou as condições para uma efetiva reflexão sobre o tema.

2.1 Metodologia de Pesquisa

A pesquisa é de caráter qualitativo e têm como base os resultados vivenciados na prática pedagógica. A técnica de coleta de dados conjuga uma observação participante, onde percebeu-se como as crianças interagem com o seu meio quando estão brincando, além de suas formas de expressão e afeto com o outro.

Valladares (2007, p.1), discute a respeitosa observação participante:

A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado.

Assim, ambos estão envolvidos neste método de pesquisa. É importante uma interação e uma inserção no ambiente estudado, que no caso, é um segmento de Educação Infantil, onde a criança é o sujeito da pesquisa. E o observador deve levar em consideração todo o contexto da instituição e singularidades de cada sujeito.

Os instrumentos utilizados para realização da pesquisa foi um diário de campo, onde foram feitas anotações a respeito das observações e uma reflexão sobre o que foi observado.

Foram realizadas algumas intervenções na atividade do brincar, a fim de perceber como se dão as interações sociais. Foram desenvolvidas atividades individuais e coletivas e histórias para serem contadas, fazendo parte do planejamento da escola.

A pesquisa teve duração de um ano, iniciando em fevereiro de 2015 e encerrando em dezembro de 2015, de segunda a sexta com duração de seis horas por dia. O contato com a escola se deu com a minha própria inserção na empresa por ser o atual emprego.

2.2 Estruturação e contexto da escola observada

As observações foram realizadas numa instituição privada e de caráter católico. As descobertas durante o convívio com as crianças, através dos projetos da Universidade de Brasília, nos fez perceber a escolha desta área para desenvolver essas observações que fazem todo sentido com a base teórica.

A proposta pedagógica da escola é religiosa voltada para os valores cristãos e sociais. Segundo a escola, sua missão é de evangelizar através da educação preventiva, tendo santos como fonte inspiradora. Favorecendo a formação da pessoa e a percepção de si mesma enquanto sujeito histórico, capaz de influenciar na construção de uma sociedade justa e fraterna por meio dos valores humano-cristãos.

Voltada para uma educação que busca contribuir para a elevação cultural da pessoa para sua autonomia. A caridade e o exemplo seria a melhor forma de educar, segundo a escola.

Se trata de um contexto social diferente da realidade da carência educativa. Ou seja, são crianças de maioria classe média alta, apesar de haver alunos bolsistas dentro da instituição. Contexto este, que influencia no comportamento, atitudes, valores e maneira de socialização com o outro.

A escola possui uma estrutura adequada para o andamento das atividades do brincar. Tais como parque bem arejado e amplo, biblioteca interativa, com livros e jogos pedagógicos. A escola proporciona aos alunos momentos que eles interagem com crianças de outras idades na hora do parque. Assim como momentos de contação de histórias feitas pelos demais educadores.

2.3 Sujeitos da Pesquisa

A turma envolvida é de Maternal I, com idade entre dois e três anos de idade. São 14 crianças no total, havendo na mesma turma duas irmãs gêmeas, e outro par de gêmeos composto por uma menina e um menino. A maioria das crianças possuem irmãos pequenos em casa, e passam a maior parte do

tempo com babás e avós, devido ao tempo de trabalho dos pais. Não há nenhum aluno com necessidades especiais.

Um dos pares de gêmeos possuem dificuldades de socialização, e há resistência de um permitir ao outro uma interação com os demais colegas. Ainda possuem uma forte dependência um do outro e muitas vezes, interferem no comportamento do outro.

Os alunos possuem uma boa interação com a professora e auxiliar, e alguns possuem forte necessidade de afeto. As professoras possuem bom acolhimento com seus alunos e tentam passar os valores propostos pela escola. Tentam transmiti-los através de contação de histórias e leituras e encenações bíblicas.

Existem aqueles alunos que lideram as brincadeiras e não admitem ser contrariados pelos colegas. É o caso do *Arthur*, uma criança que muitas vezes quer ordenar as ações do brincar, não aceitando assim ir contra suas vontades.

A coordenação está sempre atenta a movimentação do infantil, embora sua atenção esteja mais voltada para o fundamental. Por ser uma escola de apenas uma coordenadora e uma orientadora para todos os segmentos, pouco se tem contato com a orientação pedagógica, o que se torna uma falha da escola, já que a mesma deveria ser de grande importância dentro da escola.

Existe influência que o outro exerce sobre os demais no momento do brincar, e no momento o afeto com o outro. Pois estão na fase da imitação e querem sempre fazer o que o outro faz.

Há duas crianças que entraram no segundo semestre do ano letivo e ainda não falam e usam fraldas, se diferenciando das maturidades das outras crianças. Há forte dependência deles a um adulto. Alguns ainda se encontram na fase da retirada de fraldas, outros já conseguem ir ao banheiro e fazer demais coisas sozinhos. Ainda existe aqueles que possuem dificuldade de compartilhar brinquedos e a fase das mordidas e brigas.

Algumas crianças chegam a ficar até mais tarde na escola, devido ao atraso dos pais para a saída.

Existe o momento em que as crianças estão livres para brincar, seja no parque, seja na sala de aula. Toda sexta-feira é dia de levar um brinquedo, dia este que eles possuem maior tempo para compartilhar brinquedos e exercer essa atividade de brincar.

As crianças em geral, gostam do momento das atividades, principalmente aquelas que exigem mais concentração. Gostam de mostrar suas habilidades e de se sentirem elogiados pelo que fazem. É uma turma bastante participativa.

Com isso, surge a seguinte questão: de que maneira essa afetividade e a atividade do brincar se torna importante para a criança na Educação Infantil?

A seguir será apresentado relatos da experiência dentro deste segmento de Educação a fim de dá respostas a essa questão norteadora.

CAPÍTULO 3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir daqui será apresentado as experiências vivenciadas nesta turma de Maternal I, dentro dos Projetos integralizados da Universidade. Foram feitas observações e algumas intervenções, a fim de perceber como se dá as relações uns com os outros, e as ações que permeiam a atividade do brincar na vida da criança.

No primeiro dia de entrada a turma, foi observado a maneira como a rotina era estabelecida. As crianças eram recebidas pelas professoras que logo antes de um limite de tolerância deixava-os sentados na mesa que era organizada de forma grupal, brincando de massinhas e alguns brinquedos presentes na sala.

Após o limite de horário, que era de trinta minutos após a abertura do portão, as professoras organizavam uma rodinha, onde era feito uma oração, e era um momento em que elas davam abertura para as crianças contarem as novidades do final de semana. Por este primeiro dia ter sido uma segunda, foram vários os comentários feitos. A oração era a do *“Santo Anjo do Senhor, meu zeloso e guardador, se ati me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarde, me governe, me ilumine, amém”*. Em seguida cantamos a música de *“Boa Tarde”*: *“Boa tarde coleguinha como vai?!”*.

Após a rodinha, seguia com alguma atividade específica de acordo com o tema daquela aula, e nesse primeiro dia as crianças se encontravam agitadas, e acabamos levando-os ao parque, fugindo da rotina diária deles.

Logo no primeiro semestre, as crianças choravam bastante pois era seu primeiro contato com a escola. Para eles, todos eram estranhos e o local desconhecido. Alguns pais ainda permaneciam na escola para que seus filhos se sentissem seguros. Era um momento bastante delicado para a família, pois muitas vezes, tinham que deixar seus filhos chorando para que os mesmos adaptassem.

Uma criança chamou a atenção pelo fato de ter tido dificuldades para entrar na sala. Todos os dias era trabalhado de formas diversificadas para chamar atenção dela para que entrasse. Um dia era algum tipo de brinquedo, outro alguma atividade de brincar, outra desenhos e assim seguia.

Algumas crianças ainda não falavam e tinham dificuldades de socialização na hora do brincar. Toda a turma ainda usava fraldas. Foi-se necessário colocar a afetividade no centro das relações, pois era uma turma ainda bastante dependente que estava descobrindo seu espaço escolar. As professoras todo tempo, tentavam distraí-las com brinquedos e o parque era o local bastante utilizado para se conhecerem.

Ainda neste primeiro semestre, todos os dias contava-se histórias, trabalhava imagens com as crianças, e o exercício de se trabalhar os nomes dos colegas eram realizados logo no início de chegada. Distribuía-se nomes espalhados no chão e falando em voz alta cada nome. Sempre perguntava quem havia faltado naquele dia, para que fossem memorizando os nomes e associando ao rosto. A maioria ainda não conhecia os nomes dos demais colegas e tinha dificuldades de brincar no parque, pois queria sempre que seus pais permanecessem com eles.

Os choros foram diminuindo conforme os primeiros meses, tentando animá-los com algum tipo de brincadeira. A afetividade foi surgindo e as crianças começaram a reconhecer a figura das professoras diariamente, se adaptando ao ambiente escolar. Pois segundo Wallon, elas utilizam do movimento para expressar seus sentimentos e o choro era uma maneira de querer chamar atenção dos adultos.

De acordo com o acolhimento das professoras e da escola, esses pressupostos foram essenciais para que as crianças fossem se adaptando a

escola. De maneira afetiva e acolhedora para que sentissem seguros sem a presença dos pais.

Realizou-se diversas atividades, e o momento do brincar era sempre priorizado para que não ficassem somente em sala. As crianças eram levadas ao parque, para que pudesse haver trocas de saberes e observá-los na atividade do brincar. Ao longo dos meses, foi perceptível o quanto o desenvolvimento de cada criança se deu de forma diferente uns dos outros. Enquanto uns chegavam a escola bastante evoluídos cognitivamente e socialmente, outros ainda eram bastante dependentes da presença dos pais.

No início, as crianças tinham dificuldades de pegar em um lápis, pincel, mas conforme o exercício de movimentação nas atividades de colagem, pintura das mãos nos papéis, foram desenvolvendo suas habilidades motora fina. Percebeu-se na atividade do grafismo, onde todo mês as professoras os colocam para fazer desenhos livres. Observando desenho do início do ano para o final, obteve-se grandes avanços, que estão em anexo deste trabalho. Este trabalho era realizado em formas de diálogos com as crianças.

Pois de acordo com Vygotsky (1998), o adulto é o principal mediador para que a criança avance no seu salto qualitativo, estabelecendo a Zona de Desenvolvimento Proximal.

Conforme as atividades, diálogos e interação professor-aluno iam surgindo para assim criar um vínculo afetivo e de aproximação com os alunos: *“que cor são seus olhos?”*, *“que cor são seus cabelos?”*, *“e boca?”*. Essas falas era usadas para construir a atividade do *“Quem sou eu?”* Onde iam sendo apresentados partes de seu corpo que o diferenciavam dos demais colegas.

Aquela mesma criança que no início não queria entrar na sala interagira com os colegas e questionava muitas perguntas como: *“porque seus olhos são pretos tia?”* *“Mas a Cacá tem cabelo preto e a Bibi cabelo loiro”*. Eram duas irmãs gêmeas que não eram nada idênticas. Os resultados surgiam de acordo com a ajuda de um adulto, pois o avanço ia surgindo a partir da relação do que faziam sozinhos para o que faziam com a ajuda do professor. Era bastante trabalhado a autonomia das crianças, a fim de auxiliá-los sem intervir na própria criação deles.

A fase da imitação era bastante notório nesta idade. Certo dia, no momento do lanche, percebi que a cor da vasilha do lanche do *Arthur* chamou atenção dele por ser vermelha: “*Tia Isabella, minha vasilha é vermelha, olha..*” Aí pronto, todos diziam a mesma coisa, que a deles também eram todas vermelhas. As lancheiras viraram vermelhas também. Assim, não só no momento do brincar, outras situações mostram que a criança quer fazer o mesmo que o outro faz.

No terceiro para o quarto mês de aula, foi-se feito o exercício de memória das crianças, a fim deles perceberem quem havia faltado naquele dia. O que antes eles não sabiam os nomes dos colegas, agora eles já conseguiam identificar aqueles que não tinham ido.

Colocou-se os nomes de todas as crianças que estavam plastificados para descobrir quem havia faltado. Conforme chamávamos os nomes eles iam falando: “*A Cacá não veio né tia?*” e íamos dando para que eles colassem na parede o nome próprio de cada um. Uns colocavam de cabeça para baixo, outros meio torto, até que todos conseguiram grudar na parede seus nomes. Lembrando que os nomes aqui citados são fictícios.

A seguir será apresentado as quatro intervenções feitas para entender como as crianças desencadeiam situações imaginárias no seu momento do brincar, e como utilizam da fala e de suas ações para se expressarem. Pois segundo Vygotsky (1998), esse faz-de-conta faz parte do universo infantil e um momento em que as situações imaginárias possibilitam que a criança vivencie algo que esteja longe do realizável a elas.

A partir do segundo semestre, todos já se conheciam, já identificavam uns aos outros e brincavam uns com os outros. Porém era a fase das mordidas e conflitos, estes que eram todo tempo mediado pelas professoras. Foi observado momentos do brincar no parque e em sala de aula, a fim de perceber as ações que permeiam essa atividade que é livre e não imposta as crianças.

Na primeira semana da volta as aulas, no segundo semestre, espalhou-se diversos objetos aleatórios sem significados estabelecidos no chão da sala. Entre eles foram: gibis; canetinhas; giz para quadro negro; régua; batom;

espelho; pente; luvas; caderno; boneca; chave e massinha. As crianças eram livres para a escolha dos objetos no momento do brincar. Essa intervenção tinha como objetivo observar o brincar livre daquelas crianças.

Imediatamente no primeiro momento, foi percebido que as crianças estavam bastante ansiosas e havia preocupação do outro colega pegar primeiro algo que eles queriam. Começavam assim, as primeiras disputas dos objetos. Tinham dificuldades em compartilhá-los e o professor o tempo todo tinha que mediar os conflitos que serviam para socialização. Avançaram todos em cima os objetos para descobrir o que fazer com eles.

Uma primeira observação que marcou foi quando as meninas optaram por objetos femininos como o espelho e o batom, além das canetinhas. Enquanto os meninos escolhiam o caderno, a massinha, etc. Algumas falas iam surgindo: *“mas tia, ele não pode pegar o espelho porque espelho é de mulher”*. Supõe-se que talvez tenha escutado de um adulto ou até mesmo de outra criança, a ideia de que espelho só quem usa é mulher.

O caderno, eles fizeram como “entregadores de pizza”. A chave serviu para alguns meninos “resgatarem” os amigos que se encontravam presos por monstros em um castelo, no caso, chamavam de “esfera mágica”. Muitos diziam que tinham que resgatar o coleguinha antes mesmo do monstro chegar até eles.

Percebeu-se a questão da competição, as ações daquelas crianças representavam bem isso quando um queria correr mais rápido que o outro para resgatar o colega para assim, ele ser o herói da história e se sentir importante. Indo até as meninas, observou-se que as canetinhas serviram para a tinta dos cabelos do salão de beleza delas. Lembrando que cada criança o tempo todo, desempenhava seu papel, mesmo depois de diversos conflitos para ver quem ficaria com qual. Porém eu sempre ia falando para emprestar o objeto para o outro colega pois a cooperação fazia parte do brincar.

A bolsinha de lápis, e um grampeador serviram para “telefonar” para as clientes. A G., uma criança bem esperta virou e disse para uma das meninas: *“Maria, mas isso não é um telefone.”* Maria contestava dizendo: *“Finge G., finge!”*. Queriam arrumar as professoras em seu salão de beleza. Ou seja,

observa-se que muitas vezes a figura do professor, ou de um adulto se torna necessário para realização de desejos irrealizáveis.

A professora entrou no brincar e disse a eles que precisava fazer compras e depois, a fim de observar mais toda a turma. Retornando aos meninos, eles não esqueceram a caixa que guardava os objetos e acabaram utilizaram para o “estoque de pizzas”. Eles tinham forte necessidade de entregar com agilidade aquelas pizzas e usavam a régua para telefonar também. A régua também foi utilizada como gesto de “bronca aos alunos”, pelas supostas professoras. A M., possuía bastante perfil de líder e sempre queria ser a professora e colocar ordem nas demais. Em um momento ela disse para as alunas: *“Você já terminou? O papai vai chegar e você vai ficar fazendo tarefa”. Vai chegar a hora do parque e você vai ficar sem brincar viu?”*

Algumas falas utilizadas por eles, eram quase as mesmas que a professora usava com eles, as mesmas expressões e gestos, o que explica bem essa questão da protagonização de papéis dos adultos que eles convivem e possuem como referência. O momento das massinhas, surgir a família, onde cada criança representava um membro de sua família, seja pai, mãe e filhinho. Um destaque foi quando a Beatriz* disse para o Pedro* que eles tinham que fazer a comida logo para a filha Sofia* ir ao colégio.

A escolha de diferentes objetos foi com a intenção de que usassem sua própria imaginação sem necessariamente atribuir o verdadeiro significado do objeto. Era bastante perceptível a intenção de liderança por parte de algumas crianças que desencadeou alguns conflitos.

Algumas falas foram marcantes como: *“Não, M., agora a gente tem que pintar o cabelo dela.”* Outra: *“Uma pizza para entregar na casa da Valentina*.”* Ao longo da imaginação deles, as falas foram sendo atribuídas referente a cada ação vinda de um objeto utilizado por eles.

Em outro momento do brincar, logo na semana posterior, era dia do brinquedo. E algumas crianças levaram objetos de hospitais, outros bonecas, carros e etc. Algumas meninas permaneceram no salão de beleza criado por elas mesmas: *“Ai, acho melhor tirar só um dedinho mesmo.”* As canetinhas

tinham o significado de pintar os cabelos e o atrito surgiu na escolha de quem seria atendida e quem iria atender.

Mas no final entraram num consenso e deu certo. Enquanto pintavam os cabelos e faziam as unhas, no hospital os meninos eram os médicos que davam assistência a quem estava passando mais mal. Porém, não eram somente os meninos que queriam brincar no hospital. Umás três meninas ensaiavam muitas vezes um possível desmaio para serem atendidas pelos coleguinhas. Manuela dizia: “Não é assim Natalia, você tem que fazer assim..” Foram várias as tentativas para esse desmaio sair do jeito que elas queriam, e logo que conseguiam elas fingiam estar passando mal na cadeira. As amigas diziam para os meninos: “*Rápido, você não ta vendo que ela ta passando mal?*” Uma das meninas queria rir com os olhos fechados, que às vezes deixavam escapar abrindo-os para olhar os colegas. Aquela cena foi marcante no sentido de que ali elas representavam algum momento de sua vivência e experiência de vida, provavelmente.

Percebeu-se que durante essas atividades do brincar, um sempre queria cuidar do outro, principalmente quando brincavam de papai, mãe e filha. Afetividade que sempre se encontra presente.

Funcionários da limpeza que ali passavam, na hora passou e começou a sorrir daquele momento que as crianças atribuíam papéis sociais. Verificavam os batimentos cardíacos através das peças de montar, onde as colocavam no coração do outro e faziam as anotações num papel, estas que só elas mesmas sabiam o que estava escrito, pois ainda se encontram em processo de alfabetização, onde muitas só sabem escrever seus nomes.

Enquanto na escolinha, teve um momento em que a aluna pede para ir ao banheiro e estava chovendo fortemente. A professora vira para a aluna e diz: “*vai, mas sem correr porque você pode machucar tá?!*” A professora enfatizava muito essa questão de andar correndo na escola. Muitas falas eram semelhantes a dela: “*Não anda correndo que você vai se machucar.*”

Os meses foram se passando e a cada dia era uma nova descoberta. A atividade do brincar era cada vez mais marcada pela afetividade tanto do professor-aluno, quanto criança-criança. Um dia, resolveram brincar de família.

Um queria sempre cuidar do outro, querendo ser a mãe ou o pai de alguma criança. A professora muitas vezes entrava na brincadeira e imaginava algumas situações para vivenciar junto com as crianças. Havia um dia em que a professora saía em busca do tesouro que ela havia escondido e os alunos tinham que procurar. Outros momentos a professora se fantasiava de algum personagem para atrair a atenção das crianças, que vivenciavam momentos do faz-de-conta com a própria figura do professor.

As relações eram construídas a cada dia, e nenhuma criança chegava mais chorando, tendo mais confiança com o professor. Aquela criança que sempre chegava no colo dos pais, agora não chegava mais.

Em uma terceira intervenção, levou-se fantasias e tnt's para ver como as crianças reagiam naquele momento. Ficaram encantadas e mais uma vez situações imaginárias se encontrava presente. Foram levadas diferentes cores de tnt para que eles se sentissem livres para as falas e ações. Havia jaleco; sapatos, calça social; blusa social; vestidos longos e curtos; boné; gravata; alguns acessórios femininos e algumas fantasias.

Os meninos colocavam as gravatas e diziam estar indo ao escritório. Perguntou-se o porquê do escritório propriamente. Responderam que seria o lugar onde o papai trabalhava. Uma das meninas imitou a mãe falando: *"filhinha, você fique ai com o papai que a mamãe agora vai trabalhar ta?"*. E assim, vestia a roupa, passava batom e colocava o sapato que por sinal era maior que o pé deles. Foi perceptível a curiosidade dos meninos quando viam as meninas arrumadas e encenando alguma situação. Queriam socializar e participar daquele momento. Já que eles viam as meninas rindo e se divertindo naquele momento, eles queriam sentir a mesma sensação que elas.

Os meninos pegavam tnt e pediam para a professora transformá-los em 'batman'. Outros se interessavam pelos 'transformers'. As meninas queriam ser a Ana e Elsa do filme Frozen. Uma menina colocou o vestido longo dizendo que a avó só usava roupas "grandes" e que as "curtas" só as pessoas mais novas usavam.

Aquilo que era do cotidiano da criança era bastante internalizado por eles, e no momento do brincar percebeu-se muito isso. As crianças muitas

vezes, escutam em casa que não se deve fazer isso ou aquilo e acabam colocando regras até mesmo na atividade do brincar.

Em todo momento elas imitavam o que os adultos falam. *“Não pode isso, não pode aquilo”*, desenvolvendo uma personalidade que é só delas. e isso acaba deixando a criança personalidades semelhantes que aquele adulto. A Cacá, sempre ia com um blush de tom leve nas bochechas. Uma vez ela disse que queria ser igual a mamãe e por isso pedia a ela que passasse.

Embora existissem os conflitos, as crianças queriam a cada dia cuidar umas das outras quando estavam brincando. Estavam em uma fase de disputa de brinquedos, mas a afetividade sempre estava presente. Gostavam de pegar nas mãos uns dos outros e de chamar a professora para brincarem juntos. Ela sempre entrava no mundo imaginário, contribuindo para o desenvolvimento daquelas crianças.

Nas penúltimas semanas, foi trabalhado os dentes com as crianças. Levou-se alguns materiais como escova, creme dental e um dente para representar a escovação. Alguns diziam: *“tia meu papai que escova meus dentes todas as noites”*. Ensinou-se como escovar e falou-se da importância de se escovar os dentes todos os dias. Houve contação de histórias e cada criança pôde brincar de escovar. Um queria escovar o dente do outro e todos se envolveram na atividade.

Nas últimas semanas, as professoras decidiram construir com as crianças um animal de estimação que eles teriam que cuidar e amar. Perguntou-se qual animal de estimação mais gostavam e disseram que seria gato. Levou-se material reciclável de amaciante higienizado, e Eva. Construíram assim um gato para a turma. Todos queriam levá-lo para casa para mostrarem aos pais, mas a professora havia dito que ficaria na sala. As crianças ficaram super empolgadas e quase todos os dias queriam brincar com este gato. Pediu-se que dessem um nome a ele, mas foram várias as escolhas e o gato acabou ficando sem nome. Na construção do mesmo, todos queriam ajudar e se sentiam importantes. Percebeu-se a afetividade que tiveram com aquele objeto criado por eles, mesmo não sendo real. Os pais perguntavam que gato era esse que eles chegavam em casa contando todos os dias.

Tais experiências puderam perceber o quanto é necessário a interação entre os sujeitos, e como as relações que vão sendo construídas ao longo do tempo, vão tomando formas e possibilitando desenvolvimento. O trabalho se trata de crianças que estavam em um primeiro contato com a escola e pessoas até então desconhecidas, e agora interage com os demais e ganha um salto qualitativo em seu desenvolvimento.

Diante das observações fazendo relação do que foi apresentado na teoria com a prática, é necessário retomar-se a esses autores, já que os mesmos coincidem com tais percepções.

Áries (1981), fala dessa adaptação da criança com a escola e vice-versa, onde pôde perceber a verdadeira importância disto na prática dentro da Educação Infantil. Foi-se necessário promover atividades diversificadas para que as crianças desta faixa etária, especificamente, se sentissem adaptadas ao ambiente escolas.

Mahoney e Almeida (2005) discutem a concepção de Wallon a partir do acolhimento. Onde as crianças precisam dele para se sentirem seguros e transmitir isso aos pais e familiares.

Vygotsky (1998), fala da criação de uma situação imaginária, onde aparece o tempo nos relatos da atividade do brincar dessas crianças. O faz-de-conta é algo que faz parte da infância e um momento onde a criança vivencia aquilo que está longe de suas possibilidades, é o que ele chama de realização dos desejos irrealizáveis.

As leis citadas inicialmente apresenta uma discussão dessa importância da afetividade e do brincar na Educação Infantil. Existe uma lei que protege as crianças e que precisam ser colocadas em práticas para uma Educação mais eficaz. Voltando a uma preocupação com a Educação de um ser que está iniciando sua formação de valores e concepção de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciadas na área de Educação Infantil, dispõe de descobertas cada vez mais surpreendentes. As crianças têm sempre algo novo a apresentar aos seus educadores e a todos que o rodeiam. Elas têm sempre o que ensinar e aprender com o meio.

É sempre desafiador conviver diariamente com crianças muito pequenas que dependem o tempo todo das mediações de um adulto. Toda intervenção, fala e comportamento pode refletir diretamente na vida dessas crianças. Wallon, com suas contribuições teóricas possibilitou a compreensão da importância da afetividade na vida e desenvolvimento infantil.

Percebe-se ao longo dos trabalhos, que a Educação Infantil especificamente, exige a afetividade no convívio com os alunos. As interações com o meio é fator essencial para que a criança se desenvolva. Entender que a idade deles exigem maneiras mais atraentes de apreender os conhecimentos necessários é fundamental. É necessário ter uma escuta sensível e um olhar atento por parte do professor que a cada dia se descobre e se forma.

As expectativas foram bastante superadas e a maneira como o professor levava em consideração o momento do brincar foi bastante observado. Vygotsky dizia sobre a importância do brincar na vida infantil e muito se fala da necessidade das crianças em criar e imaginar, o que não foi diferente do observado nas práticas educativas.

É importante entender que nem sempre tudo que planejamos saem da mesma maneira. É preciso saber lidar com os contratemplos. Embora muitos professores hoje precisam lidar com esse tempo estabelecido pelas instituições. Tendo que colocar em dia conteúdos e obrigações, acabam não olhando a criança como sujeito ativo na aprendizagem e que precisa de atenção, amor e afeto. O que não foi o caso da turma observada.

Foi bastante importante o conhecimento da teoria para fazer uma associação com a prática. O que faz todo sentido quando se faz uma observação participante igual a deste trabalho.

O contato com esta faixa etária não acaba por aqui, e percebe-se que muito ainda pode se fazer. Ter consciência e conhecimento que as crianças precisam dos adultos e principalmente dos seus professores para a formação dos valores e um ensino mais diferenciado com o ambiente alegre, inspirador e inovador.

Assim, ensinar é um dom, uma dádiva, e não é para todos. O amor, o afeto e a atenção pode definir uma educação mais solidária e humanizada, seja com as crianças, seja com os jovens ou adultos.

Diante disso, percebeu-se efetivamente a importância que a afetividade tem sobre a vida da criança bem como sua atividade do brincar. Entender de que maneira esses aspectos aparecem na prática foi essencial. A criança precisa de um tempo livre para brincar e com isso promovendo seu desenvolvimento.

A criança então se apropria desta atividade do brincar estabelecendo o tempo todo interações com o meio a qual desencadeiam processos de imaginação, trazendo situações de seu cotidiano a fim de trocar experiências com o outro.

PARTE III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

O curso de pedagogia me surpreendeu de diferentes formas. Entre elas o fato de nos proporcionar diversas áreas para a vida profissional futura. Sem dúvidas a área da Educação Infantil me fez admirar mais ainda esta profissão que tem por missão educar com amor, o que não é fácil em meio as dificuldades enfrentadas.

Porém, tenho muito desejo em conhecer mais a área da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual tenho um certo encanto apesar de não ter tido experiência ao longo da formação acadêmica. Talvez por falta de oportunidade mesmo.

Com isso, após o término desta graduação na Universidade de Brasília, as perspectivas futuras é fazer pelo menos dois cursos de pós graduação, em orientação educacional e psicopedagogia. Pretendo fazer um cursinho para estudar para concursos na área de pedagogia. No atual momento, não almejo trabalhar em instituição privada, como professora, por ser instável, porém caso surja alguma oportunidade não dispensarei, pois as experiências são sempre somativas na nossa formação.

Tenho forte interesse pela área clínica e pretendo me aprofundar nos conhecimentos da área.

Independente da área, pretendo trabalhar na formação dos valores com base na afetividade. Sempre se preocupando com o sujeito que aprende e nos ensina com suas vivências. Estabelecendo sempre interação com os alunos, e proporcionando momentos livres de aprendizado para que sintam-se satisfeitos e alegres em ir a escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A Afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon.** Rev. Fac. Educ. UFG, 2008

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981

BRASIL. **Lei nº. 9.394/96 – Das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: Dezembro de 1996 (Artigo 29)

BRASIL **Lei Nº 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente.** 13 de julho de 1990. (Artigos 53 e 54).

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília, 2006.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** 1ª ed. 1984.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas.** Temas psicol. vol.20 no.2 Ribeirão Preto dez. 2012.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Brincar, o que é brincar?.** 21 de novembro de 2005. Disponível em <<http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>> (Acesso em 20 de outubro de 2015)

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Psicologia da educação n.20 São Paulo jun. 2005

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas, TASSIGNY, Mônica Mota. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.** Disponível em <http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar+_vygotsky.pdf> (Acesso em 13 de setembro de 2015)

STEINLE, M.B. **O trabalho pedagógico presente na brincadeira de papéis sociais e a sua importância para o desenvolvimento da imaginação criadora no contexto da educação infantil.** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, SP, v. 24, n. 1, p. 110-126, jan./abr. 2013

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. São Paulo: Rev. Brás, 2007. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012 (Acesso em 14 de setembro de 2015)

VYGOTSKY, Levi. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Levi. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009

WAJSKOP, Gisela. **O brincar da educação infantil**. Cad. Pesq. São Paulo n.92, fev 1995.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Rio de Janeiro: Zazzo, 1968.